

**ACTING OUT
E PASSAGEM AO ATO**
Algumas questões a partir
da análise da jovem homossexual*

Gerson Smiech Pinho**

RESUMO

O artigo aborda a problemática do acting out e da passagem ao ato, partindo do texto de Freud “Psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher” e do seminário de Lacan sobre a angústia. Faz considerações a respeito da relação entre angústia e ato e da direção da cura em casos nos quais o acting out tem um lugar central.

PALAVRAS-CHAVE: *acting out; passagem ao ato, angústia*

**ACTING OUT AND PASSING TO ACT
SOME QUESTIONS FROM THE YOUNG HOMOSEXUAL ANALYSIS
ABSTRACT**

The present article approaches the problem of acting out and passing to act, taking Freud’s text “The psychogenesis of a case of homosexuality in a woman” and Lacan’s seminary about the anxiety. The text makes considerations about the relationship between anxiety and act and the cure direction in cases which acting out has a special role.

KEYWORDS: *acting out; passing to act; anxiety*

* Trabalho apresentado no dia 25 de maio de 2002, no encontro “Relendo Freud e conversando sobre a APPOA – A psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, organizado pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Canela, RS, Brasil.

** Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, membro da equipe do Centro Lydia Coriat, mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gersonsmiech@cpovo.net

A partir da história clínica da jovem homossexual [Freud, (1920)1987], gostaria de abordar algumas questões a respeito do *acting out* e da passagem ao ato. Ambas as noções remetem ao agir, ou seja, à colocação em prática ou em ato das pulsões, fantasias e desejos de um sujeito, tanto dentro quanto fora do espaço de uma análise. É no seminário X, “A angústia”, que Lacan (1962-63) estabeleceu as estruturas que diferenciam o *acting out* da passagem ao ato, permitindo que fossem delimitados e elaborados enquanto conceitos distintos. Naquele seminário, o caso da jovem homossexual, caracterizado por uma importante “propensão a agir”, um dos eixos centrais do trabalho é em torno desses dois conceitos.

Uma primeira questão que me parece importante destacar é a ligação existente entre o agir, tão presente na história desta jovem paciente de Freud, e a angústia. Lacan (1962-63) assinala uma relação essencial entre estes dois termos ao afirmar que “agir é arrancar da angústia sua certeza”. A angústia é um afeto que se funda na certeza. Sua verdadeira substância é ser “aquilo que não engana”, o “sem dúvida”, já que testemunha o encontro do sujeito com o Real. A angústia é o que escapa ao jogo do significante, pois aparece no momento em que emerge aquilo que não é simbolizável – o objeto *a*. Assim, angústia e ação associam-se intimamente. Se podemos afirmar que toda atividade humana nasce da certeza, é da angústia que a ação toma emprestada sua certeza.

E como age, movida por sua angústia, a jovem homossexual do texto freudiano? Sua análise tem início alguns meses após um ato suicida, o qual aconteceu quando o pai a encontrou em companhia da dama por quem estava apaixonada. Ele passou por elas com o olhar irado e, então, a dama declarou à jovem que elas não se encontrariam mais a partir daquele momento. Repentinamente a jovem saiu correndo e jogou-se sobre um muro, saltando em direção à linha ferroviária. A interpretação dada por Freud [(1920)1987] a este “deixar-se cair” – *niederkommen*, em alemão – vai na direção do outro sentido que esta palavra tem naquela língua, ou seja, “dar à luz”. Assim, a tentativa de suicídio seria uma realização do desejo de “dar à luz” a um filho do pai e o momento em que a jovem se joga sobre o muro, um ato simbólico de um parto.

Lacan (1962-63) afirma que este ato ultrapassa a interpretação dada por Freud e que o significado de *niederkommen* não se esgota na analogia com um parto. O que acontece com a jovem no encontro com o olhar paterno é uma redução absoluta ao objeto pequeno *a*. Inteiramente identificada com este olhar, e ao mesmo tempo rejeitada por ele, ela é expelida, jogada para fora da cena e se deixa cair, reduzida ao objeto que é, frente ao desejo do Outro.

Segundo Lacan (1962-63), este *niederkommen*, este “deixar-se cair”, é o correlativo essencial da passagem ao ato, na qual o sujeito se precipita de lá onde está, do lugar da cena, do mundo do reconhecimento, onde pode se manter somente como sujeito a partir do tecido simbólico de sua história. A passagem ao ato, representada nessa tentativa de suicídio, é um ato não simbolizável, que leva o sujeito a uma situa-

ção de ruptura integral, na qual encontra-se em uma identificação absoluta com o objeto *a* – objeto excluído de qualquer quadro simbólico. Ela não é um ato dirigido a alguém para ser decifrado e, sim, uma queda no vazio, uma queda para fora da cena.

A passagem ao ato é uma “passagem só de ida”, não tem retorno, pois produz uma modificação na posição do sujeito na cadeia significante. No relato do caso da jovem, lemos que, após sua recuperação da tentativa de suicídio, ela “descobriu ser mais fácil do que antes conseguir o que queria. Os pais não ousaram opor-se-lhe com tanta determinação e a senhora, que até então recebera friamente seus avanços, comoveu-se com prova tão inequívoca de séria paixão e começou a tratá-la de maneira mais amistosa” [Freud, (1920)1987, p. 186]. Assim, seu pai “amolece” a vigilância e repressão sobre ela; e, se inicialmente a dama mantinha uma certa distância dela, a partir dessa primeira tentativa de suicídio, uma maior proximidade aconteceu, o que levaria este relacionamento a persistir por mais ou menos dez anos, conforme o relato de sua biografia (Rider & Voigth, 2000).

Se a tentativa de suicídio da jovem homossexual é uma passagem ao ato, toda a aventura com a dama de reputação duvidosa é um *acting out*. Lacan (1962-63) diz que o *acting out* é algo que é mostrado na conduta do sujeito, orientado para o Outro. Segundo Freud [(1920)1987], a jovem não tinha qualquer escrúpulo em aparecer nas ruas mais freqüentadas em companhia da dama, sendo bastante negligente com a própria reputação. Ela aproveitava todas as oportunidades para encontrar-se com a amada e verificar seus hábitos, esperando por ela durante longas horas e mandando-lhe presentes e flores. É diante dos olhos de todos que ela cortejava a dama, conduta que se acentuava na medida mesmo em que esta publicidade tornava-se mais escandalosa.

Assim, o *acting out* é uma “*monstração*”, uma mostragem, em busca de uma interpretação. Diferente da passagem ao ato, o *acting out* é uma demanda de simbolização, dirigida a um Outro, para ser decifrada. De acordo com Freud [(1920)1987], a jovem, em seu comportamento para com o objeto amoroso, assumiu inteiramente o papel masculino, isto é, apresentava a humilde e a sublime supervalorização do objeto sexual tão características desse papel, a renúncia a toda satisfação narcisista e a preferência de ser o amante e não o amado. Ela se comportava em relação à dama como um verdadeiro cavalheiro servidor, como um homem que sacrificava o que tinha em nome da amada. Assim, identificada ao pai, a jovem dava à dama o falo que dele não havia recebido. Todo o tempo em que ela fica passeando com a dama, sob as janelas do escritório do pai faz um *acting out*, dirigido a ele: ela está lhe mostrando que ela teria desejado, como falo, um filho seu, no momento do nascimento de seu irmão.

O *acting out* é uma tentativa de evitamento da angústia. Nele, algo que não pode ser dito por falta de simbolização é mostrado, sem que possa ser lembrado. Aquele que age não sabe o que mostra, nem reconhece o sentido daquilo que desvela,

ficando a cargo do Outro a tarefa de decifrar e interpretar sua conduta.

Mas, o que está na base da constituição dessa impossibilidade de dizer, dessa falta de simbolização, que conduz ao ato? Lacan (1962-63) diz que, no caso da jovem homossexual, o objeto *a* emerge constantemente. O que deixaria ela em tamanha fragilidade, colocando como única possibilidade o agir? Se a angústia movimenta o ato, se o *acting out* é uma tentativa de evitamento da angústia, o que faz com que, no caso da jovem, a angústia esteja permanentemente em cena?

Para tentar pensar um pouco a respeito dessas questões, vou recorrer, mais uma vez, ao seminário X, *A angústia* (1962-63). Na obra, Lacan retoma a articulação entre imagem especular e o significante para nos fazer lembrar que, no estádio do espelho, o entrelaçamento dos registros imaginário e simbólico é intimamente trançado; que a articulação do sujeito ao pequeno outro e a articulação do sujeito ao Outro não estão separadas. A relação especular é dependente do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro e está marcado por sua relação com o significante. Assim, no estádio do espelho, o momento jubilatório no qual a criança se assume como totalidade tem uma relação essencial com o movimento que faz o bebê ao se voltar para aquele que está atrás dele, que o suporta e o sustenta. Ele se volta para o adulto que aí representa o grande Outro para obter dele seu assentimento, para perguntar-lhe o valor de sua imagem. A possibilidade de reconhecimento da unidade da imagem especular só se dá na medida em que é autenticada pelo Outro.

O que se passa com a jovem? Lacan (1962-63) aponta, em relação ao *acting out*, que o mostrar que ali acontece relaciona-se com a presença de um desejo “de ser, de se mostrar como outro, e mostrando-se como outro, se designar”. No caso da jovem, e aqui me reporto tanto ao texto de Freud [(1920)1987] quanto à sua biografia (Rider & Voight, 2000), encontramos uma mãe que a ignorava e que demonstrava uma clara predileção em relação aos filhos homens, favorecendo-os em detrimento dela. Limitava-lhe a independência tanto quanto possível e mantinha uma vigilância especialmente estrita contra qualquer relação mais chegada entre a jovem e seu pai. Era áspera com a filha e via nela uma concorrente.

Certo dia, em um hotel, mãe e filha são abordadas por um homem. A mãe, para parecer mais jovem, diz que aquela não era sua filha. A moça, então, foge em disparada para o bosque. Novamente, ela passa ao ato, sai de cena. E o que ela procura quando se lança em disparada? Não seria, como diz Lacan (1962-63) “a procura, o encontro com alguma coisa que é recusada em todo o canto”, seu reconhecimento e a autenticação de sua imagem e seu lugar junto ao Outro?

Uma última questão: o que poderíamos pensar sobre o tratamento da jovem homossexual e, de modo mais geral, sobre a direção da cura quando o *acting out* está em jogo de modo tão intenso? No seminário X, Lacan (1962-63) afirma que, diferente do sintoma, o *acting out* chama a interpretação. Na mesma lição, diz que interpretá-lo

não tem efeito, o que poderia parecer uma certa contradição com a afirmação anterior.

A análise da jovem homossexual foi interrompida precocemente pelo próprio Freud, que a encaminhou para uma analista do sexo feminino. Segundo Lacan (1962-63), essa análise termina com Freud deixando-a cair. “Nesse caso, no qual a função do objeto *a* é tão prevalente, ela chegou a passar ao real, na passagem ao ato, Freud toma a iniciativa de deixá-la cair”.

De acordo com Freud, a transferência que se estabeleceu repetia o repúdio pelos homens, presente desde a decepção com o pai. Ele diz: “logo que identifiquei a atitude da jovem para com o pai, interrompi o tratamento e aconselhei aos genitores que, se davam valor ao procedimento terapêutico, este deveria ser continuado por uma médica” [Freud, (1920)1987, p. 204]. Um dos elementos que explicitam a modalidade transferencial da jovem era um conjunto de sonhos que previam a cura do homossexualismo e confessavam seu anseio pelo amor de um homem e por filhos. Freud disse a ela que não acreditava nesses sonhos, que os encarava como falsos ou hipócritas e que ela pretendia enganar-lhe, assim como fizera com o pai. A produção destes sonhos conjugava dois elementos através da deformação onírica: a intenção pré-consciente de enganar ao pai e o desejo inconsciente de agradá-lo.

Darmon (1994) levanta algumas interessantes questões sobre estes “sonhos mentirosos” da jovem homossexual. De acordo com esse autor, se o desejo de enganar é pré-consciente, o desejo inconsciente continua a ser ‘agradar ao pai’ e ter um filho dele. O erro de Freud em sua interpretação do sonho teria sido se colocar na relação imaginária e realizá-la, ao invés de interpretar o desejo inconsciente de sua paciente.

Segundo Darmon,

“quando o analista, por sua intervenção, ou por sua interpretação, se coloca na relação imaginária sobre o eixo *a*’, ele opera uma realização dessa dimensão, com os efeitos possíveis de *acting out*. É, ao contrário, situando-se em outro lugar que na relação imaginária, em outro lugar que no face a face, que o nível simbólico do desejo pode ser liberado e assinalado. O analista se apaga em *a*’ para liberar *A*” (Darmon, 1994, p. 45).

Assim, para Darmon, interpretar o desejo inconsciente da paciente poderia ter sido a direção necessária para que esta análise seguisse seu curso.

Jerusalinsky (2002) fala da necessidade de interpretar o desejo abandonado no *acting out*, já que este é uma atuação contrária ao desejo do sujeito, que se precipita num acesso direto ao seu objeto de gozo na ilusão de poder prescindir do Outro.

No Seminário X, Lacan (1962-63) propõe três tempos para a constituição do sujeito de desejo – o gozo, a angústia e o desejo –, o que permitirá avançarmos um pouco mais na questão que estamos trabalhando. Entre o primeiro tempo, do gozo, no qual há o encontro com o Outro, e o terceiro, do desejo, em que aparece o sujeito barrado, temos o tempo da angústia. Assim, Lacan (1962-63) situa o tempo da angús-

tia, constitutivo da aparição do objeto *a*, como termo intermediário entre o gozo e o desejo. Ele é uma espécie de “ponte” que liga os outros dois momentos. Lacan (1962-63) afirma que é “fundado sobre o tempo da angústia que o desejo se constitui”.

Se o *acting out* é um evitamento, uma fuga da angústia, sua direção vai no sentido oposto ao desejo, na direção do gozo. A partir dessa formulação, é possível pensar na interpretação do desejo como um caminho interessante para atravessar o tempo da angústia, na direção contrária ao gozo, para que o desejo possa advir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DARMON, Marc. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.
- FREUD, Sigmund. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920) In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro : Imago, 1987.
- JERUSALINSKY, Alfredo. Novas proposições sobre *acting out* e passagem ao ato. *C. da APPOA*, Porto Alegre, n. 103, p. 46-50, jun.2002.
- LACAN, Jacques. *Seminário X – A angústia* (1962-1963) Documento de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife.
- RIDER, Inês. & VOIGTH, Diana. *Heimliches Begehren*. Wien-München : Franz Deuticke, 2000.

TEXTOS

**A “JOVEM” ENTRE O OLHAR
DA MÃE E A POTÊNCIA DO PAI***

Roséli Maria Olabbarriaga Cabistani**

RESUMO

Através do texto freudiano, o trabalho discute a temática da construção do caso clínico em Psicanálise, a definição do erotismo na tomada do corpo infantil pelo desejo parental e a questão da desistência como uma função diferenciada do recalque, que evita a formação de sintomas e traz como consequência uma certa escolha de objeto amoroso.

PALAVRAS-CHAVE: *desistência; identificação; privação; sexuação*

**THE “YOUNG” BETWEEN MOTHER’S EYES AND FATHER’S POTENCY
ABSTRACT**

Through the freudian text, the work discusses the clinical case construction theme in psychoanalysis, the definition of eroticism in how the parent’s desire takes the childhood body and the question of renouncement as a differentiated function of repression that avoids symptom formation and brings as consequence a certain love object choice.

KEYWORDS: *renouncement; identification; privation; sexuation*

* Este trabalho foi apresentado no encontro anual da APPOA, *Relendo Freud e Conversando sobre a APPOA*, cujo tema foi “A psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, em maio de 2002.

** Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Professora da UFRGS; Mestre em Educação; Doutoranda, UFRGS. E-mail:roselec@portoweb.com.br

A apresentação do caso de homossexualidade feminina realizada por Freud em 1920 permite e permitiu reflexões extremamente atuais e produtivas em torno do que é um caso clínico em psicanálise.

A publicação recente da biografia da “jovem”, aportou novos dados da história da paciente, da qual sabíamos até a idade em que interrompeu seu tratamento com Freud, isto é, em torno dos 19 anos.

São raras as oportunidades que têm os psicanalistas de saber dos efeitos de seu trabalho a longo prazo. Essa mulher, que as autoras da biografia (2000) chamaram Sidônia, foi entrevistada aos 90 anos, portanto, tendo atravessado o século XX.

Frente ao conhecimento de novos dados dessa biografia, dados esses que Freud não teve em mãos, faz-se necessário interrogar sobre a construção do caso clínico em Psicanálise. Em primeiro lugar, temos então que o caso é uma construção. Como afirma Fedida (1992), ele não pode proceder de um relato e, nesse sentido, não existe história de caso. O caso está sempre além da história em si, ele comporta uma “teoria em germen” (1992). O texto produzido a partir do caso poderia ser considerado metapsicológico, na medida em que possibilita uma legibilidade sempre potencial da clínica do caso, segundo esse autor.

Essas considerações permitem, aqui, interrogar o caso à luz de um novo episódio, relatado na biografia recente. Podemos pensar que já somos outros, psicanalistas marcados pelo ensino de Freud, mas, inevitavelmente atravessados pelo ensino de Lacan. Isto significa que ouvimos outras coisas, valorizamos elementos que talvez Freud não o fizesse em 1920.

O episódio é o seguinte: Estavam mãe e filha (Sidônia) numa estação de águas, quando um homem se aproximou. Estava ele interessado na jovem e perguntou à mãe se essa era sua filha, ao que a mãe respondeu com uma negativa. Tendo ouvido essa conversa, Sidônia saiu correndo muito abalada, em direção a um bosque, onde permaneceu durante certo tempo. Essa lembrança foi relatada pela ex-paciente de Freud às biografias, quando já contava mais de 90 anos de idade, o que atesta a forte impressão que tal acontecimento lhe casou, porém sem ter sido recalcado, algo impossível de esquecer.

Vou me deter, então, nessa cena para desenvolver uma reflexão que me parece de fundamental importância e que é a da intocabilidade sexual de Sidônia.

Sabe-se que a visão da própria imagem não constitui significação, a menos que o Outro a reconheça: “sim, tu és minha filha(o)”. É necessária uma autenticação. Então, o corpo real da criança é tomado muito cedo na história individual sob a forma de uma construção ficcional, que constitui um modo de interpretar o Real. Para dar conta da substituição do corpo real por um corpo de ficção, Costa (1997) aponta as teorias sexuais infantis como organizadoras dessa construção.

Segundo Costa (1997) “...essas ‘teorias’ criam um corpo de ficção no lugar da relação mãe-criança. O corpo descrito – de onde nascem os bebês – apresenta uma

estranha composição: é ao mesmo tempo uma representação do corpo da mãe e do corpo da criança, na medida em que os orifícios que definem esse corpo são os que definem o erotismo do lado da criança” (p.96). Essa ficção não é uma criação somente da criança, tampouco só da mãe. A mãe precisa tomar o corpo do filho como se fosse seu e, com isso, se estabelece uma relação de “mútuo engano”.

Considerando ser essa a primeira ficção que se constrói, enquanto vivência individual, toda ficção posterior leva a marca dessa fundação.

Voltando, então, ao caso, podemos perguntar qual o erotismo possível a partir das dificuldades que a mãe da jovem evidenciou em incluir essa filha no seu desejo; uma mãe que não se retira em momento algum, que não cede lugar à filha.

Sidônia faz uma escolha amorosa nos moldes do amor cortês. Ela não só desiste dos homens, como ela desiste, renuncia ao sexo. Por aí é possível pensar a questão da repulsa ou mesmo do nojo que ela evidencia a respeito da relação sexual ou das zonas genitais dos homens e das mulheres.

No mesmo texto tomado como referência para pensar essa questão do corpo de ficção, a autora escreve: “...A afirmação do sexo depende da inclusão do corpo numa realidade de desejo. Logo, sustentado por uma ficção compartilhada. Caso contrário, o órgão é dispensável” (Costa, 1997, p.118).

O que se constitui para a jovem é algo da ordem da intocabilidade, e sabe-se que aquilo que é intocável fica numa posição de potência, uma vez que assim não é testada sua falha.

Na relação com a dama, assim como na relação com a mãe, Sidônia encontra-se com duas mulheres que não lhe outorgam saber algum sobre a identidade feminina. Para ambas, os homens ocupam posições complicadas. No caso da mãe, o marido está apenas a serviço do seu gozo. Para a dama, os homens são provedores.

Quando a jovem apela ao pai para que esse lhe dê um significante, para que esse faça função paterna, como no episódio da “mostração” que antecede a primeira tentativa de suicídio (foram três, relatadas na biografia), sua demanda escorrega, sem encontrar orifício que lhe faça borda; é como se caísse num buraco sem fim. Aqui, também, poderíamos pensar as várias passagens ao ato que caracterizam esse caso.

Mas a jovem não faz sintoma, como aponta Freud, ela desiste.

Esse aspecto da desistência é desenvolvido por Pommier (1996). Ele propõe que a função da desistência tem como conseqüência uma certa escolha de objeto amoroso. A desistência, nesse caso, seria uma maneira exitosa de não sofrer uma decepção amorosa com o pai. É um funcionamento diferente do recalque e evita a produção de sintomas.

Pode-se pensar que a desistência ocupa, na vida da jovem, o lugar de evitar saber o que houve de traumatizante. Como, por exemplo, se quando a mãe diz algo tão horrível, negando ser sua mãe, a jovem pudesse queixar-se disso. Denunciando em palavras essa violência, estaríamos no nível do sofrimento neurótico e não no nível da desistência.

Sidônia parece nunca ter deixado a condição de “jovem” para sustentar uma

mãe bela, desejável e imune às feridas narcísicas que a passagem do tempo impõe a todos que são atravessados pela castração.

A juventude desse caso está situada justamente no movimento pendular que sustenta Sidônia entre o pedido ao pai que a salve de ficar à deriva do gozo materno, nisso deixando ao pai a potência fálica e, no outro giro, buscando a identificação ao pai, como forma de defender-se da “falta da falta”, como diz Lacan (1962-63) no seminário da Angústia.

Para a jovem, essa busca de uma identificação ao pai parece ser a saída possível no sentido de encontrar uma significação viável.

Pommier (1996), ao relacionar trauma e amor, afirma que a força do laço amoroso é proporcional à força do traumatismo. Isso fica bem claro no caso em questão, pois é no momento em que mais o pai a faz sofrer que surge nela esse laço tão forte com ele a ponto de produzir uma identificação ao pai.

Mas mesmo frente a essa saída a jovem oscila, continua jovem demais para escolher e jovem o suficiente para perpetuar a mãe no seu apogeu de mulher.

Lacan (1956-57) no seminário “A relação de objeto e as estruturas freudianas” coloca que a função paterna permite a passagem da dialética do Ser (objeto) para a dialética do Ter (sujeito). Podemos dizer que é disso que nossa jovem foi privada. Ela não teve um lugar autenticado pelo outro materno. Portanto, “erra” entre ser um dejetivo e ser reconhecida, mesmo que seja o reconhecimento de uma posição masculina, a que restou a ela.

É interessante pensar que a biografia de Sidônia a apresenta sempre em trânsito: conformação aos homens, amor às mulheres, entre Viena, Paris, Cuba, Brasil, Tailândia, Sibéria. Amando alguns bichos, disciplinando crianças.

Uma velha senhora, eternamente jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Ana Maria Medeiros da. *Contar-se: da Interpretação ao Ato*. Tese de doutoramento em Ciências- psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1997.
- FEDIDA, Pierre. *Nome, figura e memória- a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1992.
- FREUD, Sigmund. *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*. v. XVIII (1920), Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LACAN, Jacques. *Seminário: A Relação de Objeto e as Estruturas Freudianas*. (1956 – 1957) Publicação para circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: A Angústia*. (1962 –1963). Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- POMMIER, Gerard. *Transferencia y Estructuras Clínicas*. Seminario dictado en Valencia (1990 – 1994) Transcrição de Félix Pascual y Francisco Calvillo. Ediciones Kliné, 1996.
- RIDER, Inês & VOIGHT, Diana. *Heimliches Begehren*. Wien-München: Franz Deuticke, 2000.

MEDO DE TRANSFERÊNCIA

Maria Cristina Poli Felippi*

RESUMO

No presente texto, pretendemos abordar a diferença entre o “espaço da transferência” e o “espaço da fobia”. Através da análise da resistência, propomos pensar os acting outs produzidos em análise como reações contrafóbicas a uma imagem especular.

PALAVRAS-CHAVE: neurose de transferência, resistência, acting out, objeto “a”

FEAR OF TRANSFERENCE ABSTRACT

In the present text, we intend to approach the difference between “transference space” and “phobia space”. Through the analysis of resistance, we propose to consider acting outs that happen during an analysis as contraphobic reactions to a speculum image.

KEYWORDS: transference neurosis, resistance, acting out, object “a”

* Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Doutoranda na *Université de Paris 13*. E-mail: crispoli@mageos.com

« ... quand le sujet commence l'analyse (...),
le sujet commence par parler de lui ; quand il aura
parlé de lui, qui aura sensiblement changé dans l'intervalle,
à vous, nous serons arrivés à la fin de l'analyse. »¹
(Lacan, 1955-56, p. 262)

Há quem diga que uma das inspirações de Lacan para a escrita do texto sobre o tempo lógico foi a peça de Sartre *Huis clos*². *Se non è vero, è bene trovato*. Na referida peça, Sartre apresenta a difícil convivência de três personagens que, após a morte, se encontram no inferno. Entre eles, pesa o mal-estar dos pecados que praticaram em vida. Guiados pela indagação sobre, afinal, o que se espera deles ali, cada qual desnuda e atua, diante dos outros dois, o fantasma que o determina.

Acompanhamos, assim, a construção dos personagens com base na narrativa do *a priori* de suas histórias pessoais, paralelamente à montagem da cena *atual* onde estas histórias se entrecruzam. O caráter performativo da fala é evidenciado na assunção em ato de posições subjetivas. Cada um assume, diante dos outros, um lugar, uma posição, predeterminada individualmente, mas, sobretudo, instaurada pelo campo relacional composto pela situação.

“L'enfer, c'est les Autres” é a clássica frase de Sartre que se propõe como interpretativa dessa *ménage à trois*. A composição da cena deixa claro que a narrativa de uma *história de vida* e a “remissão dos pecados” não são suficientes para “sair do inferno”. A assunção da responsabilidade pelos seus atos e a derrição das imagens de eu, desconstruídas e esvaziadas de sentido, não asseguram ao sujeito uma saída. Se o conceito psicanalítico de “alienação” tem validade é bem porque sempre que o espelho do outro está em causa, ele não cessa de emitir novos reflexos.

A crítica lacaniana da transferência como intersubjetividade demonstra aí sua pertinência. Em uma análise, não se trata do jogo psicodramático de atuação e correção das experiências com base na maior idoneidade egóica do parceiro-analista. O *eu e tu* em questão na cena analítica são aqueles do fantasma ao qual o sujeito se encontra alienado. Isso significa dizer que o sujeito em causa na transferência é *nem eu, nem tu*. É o ponto de real inassimilável nas representações especulares que encontramos também, por exemplo, na referência freudiana ao umbigo do sonho.

¹ Na tradução da ed. Zahar (Lacan, 1985, p.186): «[quando o sujeito inicia a análise] começa por falar dele, e não fala com você – a seguir, ele fala com você, mas não fala dele – quando ele tiver falado dele, que terá sensivelmente mudado nesse meio-tempo, com você, teremos chegado ao fim da análise.»

² A expressão francesa “huis clos” pode ser traduzida tanto por “entre quatro paredes” como por “a portas fechadas”.

A análise, como o sonho, é uma duplicação da experiência vivida que tenta dar conta da repetida e traumática incidência do real. Freud definia a transferência como uma “nova edição” de tendências e fantasmas anteriores. O que Lacan demonstra é que a repetição em causa na transferência se refere àquilo que é impossível de ser significado. No Seminário XI, Lacan (1973) aproxima este impossível ao ponto luminoso – *ponto de fuga* – que organiza a representação de um quadro. Da mesma forma, na transferência, é em torno do *ponto cego* – onde a repetição se apresenta como desencontro de realidades díspares – que o sujeito se engaja na relação com o Outro.

“Resistência” é o nome que Freud deu a essa ocorrência da transferência. Se o sujeito comparece ao encontro, poderíamos dizer que ele o faz como ausente. Demanda de análise e desejo do analista se engajam em sua procura. Disjuntos, por princípio, situam na transferência o desencontro de duas faltas que não se recobrem. Caso contrário, o *desejo de desejo* do analista faria de seu paciente o objeto do seu próprio fantasma. A análise seria, então, o protótipo do espaço claustrofóbico, a alienação à “huis clos”, impossível de sair.

Há, no entanto, situações em que as análises parecem esbarrar em algo que, talvez pudéssemos formular, de um real compartilhado. Refiro-me aos momentos em que a resistência à transferência leva o sujeito a um *beco sem saída*. Não é incomum que, nesses momentos, os *actings outs* se precipitem e o sujeito, saia, digamos assim, pela porta dos fundos.

Freud nos fornece exemplos de um grande valor didático a esse respeito. O caso de Dora, por exemplo, é bastante ilustrativo do valor atribuído à transferência na condução de uma análise. Nesse caso, Freud reconhece que a resistência provocou a interrupção precoce do trabalho. Depois de fornecer uma longa interpretação ao sonho da jovem, indicando o lugar de seu desejo na relação com o pai e com o sr. K, Freud diz ter pressentido que ela não voltaria mais à análise. O erro nesse caso, segundo ele próprio, foi não ter considerado devidamente a transferência. Ele escreve justamente para tentar dar conta disso.

Desde suas primeiras conceitualizações da transferência, Freud indica a dupla face de motor e freio do trabalho analítico. É o amor de transferência que possibilita a confiança do paciente no analista, mas é também ele que constrange a livre associação. No Caso Dora, Freud reconhece a sua própria resistência em incluir-se no endereço da fala da paciente. Preocupado em validar sua tese do sonho como realização de desejo, Freud se toma na condição de produzir um saber que seja o tradutor fiel das associações de Dora. Ela, podemos supor, fica bem encantada com as habilidades do mestre-analista. Sai da análise levando consigo um importante cabedal teórico sobre o inconsciente, mas impossibilitada de mudar de posição em relação ao seu sintoma.

Mais tarde, Freud propõe o termo “neurose de transferência” para falar dessa inclusão do analista no sintoma do paciente. Se em uma análise não se trata somente

de lembrar cenas passadas, mas de atuar justamente naquilo que não pode ser lembrado, e que constitui o núcleo da neurose, é essa atuação que constitui a transferência. O que passa a primeiro plano, nessa concepção do método analítico, é a neurose como compulsão à repetição. Como se sabe, Freud chega a essas conclusões baseado, principalmente, na análise de neuróticos de guerra, as neuroses traumáticas, e no que ele denomina de “reação terapêutica negativa”. Essa última diz respeito justamente aos efeitos paradoxais que a técnica psicanalítica pode provocar de incremento ao sintoma. Nesse caso, não é que os pacientes saíssem apressadamente de suas análises, eles simplesmente não saíam nunca. A reprodução da neurose no âmbito da transferência provocou, nesse momento do trabalho de Freud, um efeito de iatrogenia que a história do “Homem dos Lobos”, por exemplo, ilustra bem.

Em ambos os momentos do trabalho de Freud, o que se observa é a falta de uma justa consideração do que do real se tem de lidar em uma análise. Freud, como é evidente, deu os primeiros passos nesse sentido ao ousar escutar seus pacientes, tomar-se na transferência e inventar a psicanálise. Coube a Lacan avançar em relação aos impasses a que a psicanálise tinha chegado. Em relação à transferência, a incidência de seu trabalho sobre o real é de fundamental importância. É ele que vai nos permitir perceber os dilemas de Freud em relação a sua posição como analista, de como Freud acreditava na suficiência de um saber que pudesse traduzir o inconsciente, que pudesse recobrir a verdade.

Os pontos de resistência na escuta de Freud, nos diz Lacan, devem-se sobretudo a sua aposta na potência paterna, num suporte simbólico que reduzisse o real a seus mínimos efeitos. Com isso, Freud deixa em aberto, nas suas formulações sobre a transferência, questões nas quais seu próprio fantasma se alicerçava. O enigma “o que quer uma mulher?” e a correlativa elaboração de Freud sobre os destinos da feminilidade são os protótipos dessas questões.

Há um caso no qual a ambigüidade de Freud se faz notar de forma mais evidente. Trata-se da análise da jovem homossexual. Nesse caso, é Freud ele mesmo que interrompe a análise com o argumento de que a transferência negativa da paciente imporá um limite à seqüência do trabalho. Ele diz, de forma explícita, que a paciente queria enganá-lo e dirigia a ele, na transferência, tendências hostis inicialmente referidas a seu pai. O curioso é que, ao invés de analisar a transferência, é Freud que atua enviando a paciente a um outro analista, a uma *mulher* analista.

No texto, ele não nos apresenta os motivos desse encaminhamento. Podemos supor que, dada a composição libidinal da paciente, ele esperasse que com uma mulher ela teria maiores chances de estabelecer uma transferência positiva, uma transferência que possibilitasse o trabalho e não incidisse diretamente sobre o aspecto resistencial. Porém, é importante de se considerar que a resistência em questão diz justamente da posição de Freud ao se identificar com o pai da paciente. Para ele, era

insuportável escutar o desejo da moça de desbancar o pai, de ultrapassá-lo. Isso, para Freud, assumia uma dimensão paranóica por não suportar poder ser enganado.

A situação se evidencia na interpretação que Freud propõe ao sonho da jovem em que ela manifesta o desejo de casar-se com um homem e constituir uma família. Ele escuta esse sonho como um sonho enganador. Ela estaria querendo fazê-lo crer em suas “boas intenções”. Estaria querendo seduzi-lo, mostrando a conformidade de seu desejo aos supostos anseios de seu analista para, depois, acusá-lo de impotência. Assim, a sua homossexualidade se justificaria não pelo seu próprio desejo, mas pela insuficiência do desejo do Outro.

Mesmo que a interpretação seja correta, o que nos causa estranhamento é que Freud parece estar de acordo com essa proposta fantasmática da jovem. O fantasma em questão é tipicamente histérico, e podemos supor que Freud estivesse bastante habituado a esse tipo de construção. Porém, ao invés de analisá-lo, ele atua, alienado no lugar fantasmático que lhe foi delegado.

Assim, nesse caso, temos a reprodução na “neurose de transferência” do *acting out* que trouxe a paciente ao tratamento. Diante do olhar reprovador do pai, olhar esse que ela buscava, na dupla face do desafio e da sedução, a moça sai de cena precipitando-se do parapeito da ponte. Na análise com Freud, é ele quem a lança para fora, reproduzindo em ato o olhar reprovador do pai. Nesse ponto, Freud se identifica também com a jovem. Escutá-la em análise seria, de alguma forma, afrontar os olhos do pai e defrontar-se com sua reprovação e com a culpabilidade decorrente. Diante desse impossível, é Freud que sai de cena, precipitando o fim da análise.

Podemos pensar que, longe de ser uma particularidade da posição de Freud, dos limites de sua própria formação devido ao fato dele ser o primeiro analista, situações como estas constituem parte da formação clínica de todos os analistas. Isto é, que, mais cedo ou mais tarde em nossas próprias práticas, nos vemos tocados, por alguns pacientes, em pontos insuperáveis do nosso próprio fantasma. A herança freudiana em relação a essa questão foi de nos ensinar a produzir teoria com esses restos inassimiláveis de real.

É bastante corriqueiro ouvirmos a observação de que a assunção da posição do analista em sua prática se suporta do recalque do saber teórico. Na proposição lacaniana dos quatro discursos, temos essa indicação cifrada no discurso do analista onde o *a*, objeto causa de desejo – lugar do agente – se situa sobre a barra do S2, saber – lugar da verdade. Não é desprezível notar que, diferentemente de Freud, Lacan assinala a disjunção estrutural de saber e verdade. O que significa dizer que o saber em psicanálise é sempre meia-verdade. Esta, na medida em que releva do real, é o “umbigo do inconsciente”, inassimilável ao campo das representações.

Portanto, se a teoria psicanalítica tem por “objeto” o real – o *objeto a* lacaniano –, ela é sempre insuficiente em suas formas de representá-lo. Os motivos, como indi-

camos acima, são de ordem estrutural. Que a direção da escuta vise à verdade e estabeleça nesta condução o seu encaminhamento ético, tem por corolário, na produção teórica, a marca da singularidade da experiência.

O *enquadre* teórico da psicanálise se organiza, portanto, a partir de seu *ponto de fuga*. Os universais são da ordem do resistencial. Mas a resistência – como a negação – é uma das formas de considerar o real. Esse pode ser o caso, por exemplo, da proposta freudiana do Complexo de Édipo. Se esperarmos encontrar, na clínica, os supostos *apriorísticos* do dito complexo, nos quais funções (simbólicas) e personagens (reais e imaginários) se confundem, perde-se a singularidade do lugar de enunciação do paciente. O saber *a priori*, nesse caso, economiza e dispensa o trabalho de enunciação singular. Porém, o Édipo pode ser tomado como metáfora, isto é, como uma teoria que não se propõe a substituir “a Coisa” mas a ser uma forma, entre outras, de tentar representá-la. Então, o seu valor analítico estará naquilo que escapa a esta teoria. O que, de forma negativa e no *a posteriori* da experiência, ela nos permite apreender. É aí que poderemos buscar encontrar alguma representação possível do sujeito do inconsciente.

Refiro-me aqui a minha própria experiência clínica com jovens adolescentes que viviam há muitos anos em uma instituição pública. A particularidade do laço transferencial estabelecido nesses casos produzia, na maioria das vezes, a interrupção precoce dos atendimentos. Muitos aspectos poderiam ser considerados. Na literatura corrente sobre o tema, o acento é colocado sobre a dificuldade desses jovens de estabelecerem laços afetivos, efeito da vivência de uma experiência de frustração precoce, na relação materna. Ou, então, tratar-se-ia de uma reversão da situação de abandono familiar, no qual o que foi vivido de forma passiva é re-atualizado, na transferência, de forma ativa.

Essas interpretações não são, necessariamente, incorretas. Em alguns casos, podem realmente ser o fundamento fantasmático do *acting out* transferencial. Porém, foi a escuta de uma jovem que me permitiu pensar em como essas conceitualizações, ao serem tomadas como um saber antecipado à experiência, poderiam provocar a passagem ao ato. Ela me conta, um dia, um sonho que tivera e que a deixara muito emocionada. No sonho, ela tinha uma família – pai, mãe, irmãos.

O endereço desse sonho é o desejo do Outro que, seja encarnado pela instituição ou pelo analista, presentifica, para a jovem, a referência, socialmente compartilhada, a um mito de origem sustentado no ideal de uma família. Assim, mesmo que ela vivesse há muitos anos na instituição, mantinha seu suporte enunciativo na representação de si entre pai, mãe e irmãos. “Sonho enganador”, diria Freud. E ele tem razão, na medida em que a paciente se faz representar na transferência no lugar mesmo onde incide a castração. Ela se oferece no sonho como $-\mu$, falo imaginário, do desejo do Outro.

O sonho visa, portanto, a realização do desejo do Outro. No caso dessa paciente, tal desejo ganha representação na imagem da família ideal. O analista, por sua vez, poderia encontrar aí a esperada referência ao romance familiar e ao Complexo de Édipo. Mais ou menos como se a constatação da efetividade de uma metáfora paterna – no estabelecimento de um diagnóstico diferencial de psicose – se estabelecesse com base no fato de alguém falar ou não em seu pai. Ao tomar a parte pelo todo, o personagem pela função, sutura-se a verdade com o saber.

Nas antípodas da imagem ideal de uma família, encontra-se outra, não menos idealizada, que é a do *abandono* e da *carência afetiva*. Em ambas, o sujeito goza ao oferecer-se como objeto de um saber antecipado, como imagem complementar. Preso a essa imagem, é o lugar enunciativo que fica fora, forcluído da transferência. O efeito na relação analítica pode, então, ser o de um fechamento especular, como costuma acontecer na referência a representações totalizantes. Nesse contexto de encontro especular da falta e seu objeto, o *ponto de fuga* situa-se fora, no além das margens que a representação compõe. No *acting* da saída antecipada da análise, é a esse ponto que o paciente se dirige, numa reação fóbica ao espelho. Ele se vê impelido a fazer borda, privando o Outro da sua presença.

Assim, se acompanhamos Lacan na proposição de que “a transferência é a colocação em ato do inconsciente”, podemos pensar que o engano – *trompe-l’oeil* – que a representação do sujeito na transferência provoca, se organiza em torno do real enquanto impossibilidade de significação. Isto é, o furo da imagem não está fora; ele é interno às “quatro paredes” do consultório. A disposição do analista a se deixar tomar na transferência indica sua condição de suportar ficar, ele mesmo, *sem pai nem mãe*. Isto significa, fundamentalmente, poder entrar no jogo do engano e assumir, com o paciente, o risco de não saber por quais caminhos a busca da verdade irá conduzi-los.

No sofisma dos três prisioneiros, Lacan indica que nenhuma saída antecipada é possível. Os três tempos do movimento, e as hesitações que os medeiam, são necessários para que o ato enunciativo possa se realizar. Então, mesmo que a saída, ao final, se possibilite pela semelhança entre os prisioneiros – todos os três portadores de discos brancos – o ato é singular. É nesse sentido que a semelhança não apaga a dessimetria e a separação se torna viável.

Mas, podemos nos perguntar: e se um deles, compelido por uma pressa de concluir, resolvesse arriscar e sair antes? Então, ele não sairia, pois não poderia sustentar a sua enunciação. A pressa, nesse caso, não seria índice da travessia do fantasma – do bem-fundado de seu percurso subjetivo – como no momento de concluir, mas reação contrafóbica à prisão. Nesse caso, tentar escapar levaria justamente ao encontro do objeto evitado: objeto fóbico, aquele que visa realizar a obturação da castração. Alienado, é o sujeito mesmo que se apresenta no lugar do objeto para o gozo do Outro.

“A bolsa ou a vida”, escolhendo-se a vida, perde-se a bolsa; escolhendo-se a bolsa, perde-se a vida. A fórmula da alienação é metáfora da escolha forçada do sujeito entre o ser e o sentido. O interstício desses dois campos constitui-se pela incompleta-riedade entre ambos: nenhum ser que faça suplência à falta de sentido; nenhum sentido que faça suplência à incompletude do ser. A separação comporta, portanto, a subtração de um pequeno pedaço do Outro que cada um tem de levar consigo.

Ponto de fuga do espaço especular da fobia. Que esse pedaço, *objeto a* do irrealizável de nosso fantasma, possa se constituir em *objeto causa do desejo* sem precisar, para tanto, sustentar uma suposta condição de suplência da castração, de resposta a um ideal irrealizável no campo do Outro, é o que faz toda a diferença. Diferença, esta, que podemos imaginarizar no contraste entre o espaço fóbico, que aprisiona o sujeito à posição de objeto, e o espaço da transferência, que reconhece ao sujeito um lugar de enunciação. Mesmo que, por vezes, no inescapável espaço de nosso fantasma, eles insistam em tentar se sobrepor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Sur la dynamique du transfert. In : _____. *Œuvres complètes*. V. XI. Paris : PUF, 1998. p. 105-116.

_____. Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine. In : _____. *Névrose, psychose et perversion*. Paris : PUF, 1999. p. 245-270.

_____. Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora). In : _____. *Cinq psychanalyses*. Paris : PUF, 1999. p. 1-91.

LACAN, Jacques. Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. In : _____. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966. p.197-213.

_____. *Le séminaire, livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris : Seuil, 1973.

_____. *Les structures freudiennes des psychoses*. Séminaire 1955-1956. Paris : Editions de l'Association Freudienne Internationale, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. *Huis clos*. Paris : Editions Gallimard, 1947.